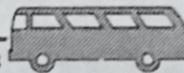


JORNAL DO ÔNIBUS

Ribeirão Preto, 03 de dezembro de 1992

Nº 118



Meninos gabirus, outro lado da California



Páginas 8 e 9

Filhos do lixo



Claudia Ruffini

Flávia Lima

Minas, Pernambuco, Paraná, Bahia, São Paulo. Eles vêm de toda parte em busca da promessa de melhores condições de vida. São os migrantes que compõem a outra face da Califórnia Brasileira. Sertãozinho já foi a maior renda per capita do país e pode possuir hoje,

Joaquim Ademar Quim Gago Marques do PMDB) ele daria a escritura do terreno aos moradores do Pati. Promessa cumprida. O PMDB não reelegeu e nada foi feito.

Os médicos sanitaristas Clésio Sousa Soares e Valmir Araújo, residentes do Departamento de Medicina Social do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, estão desenvolvendo um trabalho com os habitantes do Pati para provar que as condições insalubres que vivem são os fatores responsáveis pela subnutrição das crianças do local. Eles pesaram e mediram as 61 crianças e adolescentes de zero a 16 anos e verificaram que a maioria está bem abaixo da média. Foi constatado também que quase todas apresentam cãries múltiplas, piolhos e víruses, além de sarna e outras doenças.

Soares afirma que pesar e medir as crianças é apenas o primeiro passo para comprovar cientificamente a subnutrição. É preciso ainda um questionário minucioso sobre a família e uma infinidade de exames laboratoriais. "Mas não é preciso ser um especialista, nem possuir um embasamento científico para afirmar que aquelas crianças são gabirus. Basta ir até lá para ver", diz Soares.

Solange Gomes da Silva tem 21 anos, está grávida de seis meses do terceiro filho, e arranca mato com enxadão das 5hs às 17hs. Ela mora no Pati desde o começo. "A gente veio de Minas e estava em Sertãozinho, aí o Garcia disse que ia fazer a evasão e perguntou se a gente queria vir para cá. Disse que era uma oportunidade pra ganhar uma casa, mas até agora ninguém tem o papel que prova que o terreno é nosso". O ex-prefeito e atual vereador Joaquim Ademar "Quim Gago" Marques diz que toda a responsabilidade é de Garcia. "Ele estava instigando o pessoal naquela época de invasões de bóias-frias, igual em Guariba. Depois resolveu levá-los pra lá. Como prefeito o que eu pude fazer foi improvisar um jeito de levar água para eles e no final do ano levei quatro sacas de arroz e batata

A mãe de Michele não acredita que seu marido morreu de aids. Michele tem 2 anos e meio e seu único alimento é o leite materno.

um bairro de meninos gabirus. O Pati surgiu em 1988, ano eleitoral, quando o então vereador do PMDB, Luiz Carlos Garcia, levou um grupo de sem-terra para um lixão desativado, afastado quatro quilômetros da cidade.

Sem água encanada, eletricidade e esgoto, estas pessoas começaram a procriar em cima do lixo orgânico e hospitalar, com a esperança de que Garcia cumprisse sua promessa: se seu partido se reelegesse (na época o prefeito era

No Pati, as crianças convivem com a sujeira desde cedo



Os meninos gabirus têm planos para o futuro



Fabiana, 7 anos, sonha em ser professora.

ta", justifica-se.

O vereador Luiz Carlos Garcia não foi encontrado pela reportagem pois não tem frequentado a Câmara Municipal desde que não conseguiu se reeleger na cidade. Conforme Quim Gago, ele arrumou "um atestado fajuto" para não perder seu mandato de vereador. Os moradores do Pati reclamam da falta de infra-estrutura no local. Os filhos de Solange, como várias outras crianças, estão com diarreia. Ela acredita que a água está fazendo mal às crianças. "Sem contar as porcarias que eles desenteraram do chão. A gente acha até seringa aqui. Não dá pra deixar as crianças soltas, comendo terra". Em 1990 um grupo do Pati procurou o promotor de Justiça da Infância e da Adolescência, Marcelo Pedrosa Goulart, para pedir ajuda. O atual prefeito Antônio Almussa Filho tomou conhecimento da situação e se comprometeu verbalmente a resolver o problema até o final de 90. Mais tarde ele disse que sua promessa seria cumprida até o final de seu mandato.

As eleições passaram, o novo prefeito Waldir Trigo toma posse em janeiro de 93 e estas pessoas ainda não foram transferidas para um local salubre, mais perto da cidade e com infra-estrutura adequada. O prefeito Almussa foi informado do assunto mas não concedeu entrevista ao Jornal do Ônibus. Sua secretária, que se identificou apenas por Luciana, foi procurada 11 vezes e em todas elas disse que o prefeito estava ocupado. Para Goulart, "é preciso sensibilizar a socie-

dade para que as autoridades se sintam pressionadas".

Junto aos médicos sanitaristas e a vários colaboradores, a assistente social Regina Furlan Volpe, está participando do trabalho para apurar as necessidades sociais dos moradores do Pati. Ela diz que a maioria das crianças não frequenta uma escola, vão para a lavoura muito cedo, várias não têm registro de nascimento e todas se alimentam muito mal. Regina afirma que a alimentação diária das crianças é arroz. A assistente social explica que a solução seria transferir as famílias para um local adequado e

criar um mutirão para baratear o custo das casas. "Eles teriam boa vontade em construir suas próprias casas. Muitos dizem que não querem sair porque têm medo de perder o pouco que possuem", afirma Regina.

Os filhos de Rosemeire Vieira, 27, também brincam no lixo. Leandro tem seis anos e Michele, dois anos e meio. Eles ficaram órfãos de pai há poucos dias. "Disseram que eles morreu de aids, mas eu rião tô acreditando, não", diz Rosemeire. José Andreino da Silva, 38, vivia com Rosemeire há 5 anos. Eles vieram de Ribeirão

aids, o médico não teria pedido isso", argumenta.

A aids não apavora os moradores do Pati. Eles convivem com a miséria, doenças e bichos. "Tem barata, rato, bastante escorpião e cobra também", diz Maria Aparecida da Silva, se queixando da falta de esgoto no local. "Sem falar na falta de água e luz. No calor a gente não pode nem tomar banho e as crianças amanhecem com o nariz todo preto por causa da lamparina à que-rosene". Maria tem nove filhos, seis deles moram com ela e o marido em um barraco de lona preta, de teto bem baixo. "Se fizer alto o vento leva tudo", explica.

Seus filhos também são pequenos para a idade. Fabiana, 7, está na escola do Pati. Ela diz que vai ser professora quando crescer. Gilliard, seu irmão, tem 9 anos e gosta de morar no Pati porque lá tem milho. "Quando dá milho eu gosto. Às vezes, eu como mandioca, amora e quiabo também". Ele diz que vai ser motorista e queria uma bolsa para levar seus cadernos no 2.º ano primário. Um vereador prometeu-lhe uma bolsa, mas não deu. "A bola do moleque aqui do lado, ele trouxe", reclama.

Os dentes de Gilliard estão nascendo e já têm cáries. As crianças do Pati são como seus dentes. Já nascem condenados no meio do lixo da Califórnia. Têm um estigma na boca e na estatura: São "gabirus" para os médicos e a mídia.

Os filhos de Solange estão com diarreia. "Não dá pra deixar as crianças no chão. Eles comem terra e a gente acha todo tipo de lixo aqui. Tem até seringa".

Preto há um ano. Rosemeire conta que José já estava mal quando eles se mudaram para o Pati. Michele ainda mama no peito e não come nada. Sua única alimentação é o leite materno. Rosemeire não pretende fazer um teste de HIV nela e nos filhos porque não acredita que o marido tinha aids. "O médico do HC de Ribeirão disse que ele precisava de três doadores e eu arrumei três pessoas aqui do Pati para doar sangue pra ele. Se ele tivesse



O menino do Pati: sem perspectiva para o futuro



Solange: "Tol o Garcia que me trouxe para cá"

Editorial

California sobre o lixo

Cravado no meio de uma das mais discutidas e ricas regiões do país, na chamada Califórnia Brasileira, vive um grupo de pessoas em condições idênticas ao sertão nordestino: é o Pati. Um bairro na periferia de Sertãozinho que reproduz em tudo a face subdesenvolvida do país. Nele não existe o esgoto, tão discutido pelos candidatos à Prefeitura de Ribeirão Preto. Nele ninguém discute se a água é potável, porque não tem água. Ninguém discute o asfalto, este luxo dispensável. O Pati, como naquela música do Vinícius de Moraes, é como uma casa que não tinha nada. Apenas um amontoado de pessoas vivendo em condições sub-humanas, reproduzindo meninos que a mídia chamou de gabirus.

Os adolescentes gabirus, que os políticos mais cuidadosos preferem chamar de menor que não tem crescimento normal, são o outro lado dos "happy-hour", de uma Califórnia à brasileira. Daqueles que vivem confortavelmente com a renda per capita de cinco mil dólares. O happy-hour destes meninos é feito de paisagem um tanto futurista. Vivem sob o lixo. Produzem e reproduzem sobre este lixo. Com suas casas de lona plástica, absurdamente quentes e insalubres, pisam em terreno incerto, fofo e, lógico, não conseguem crescer.

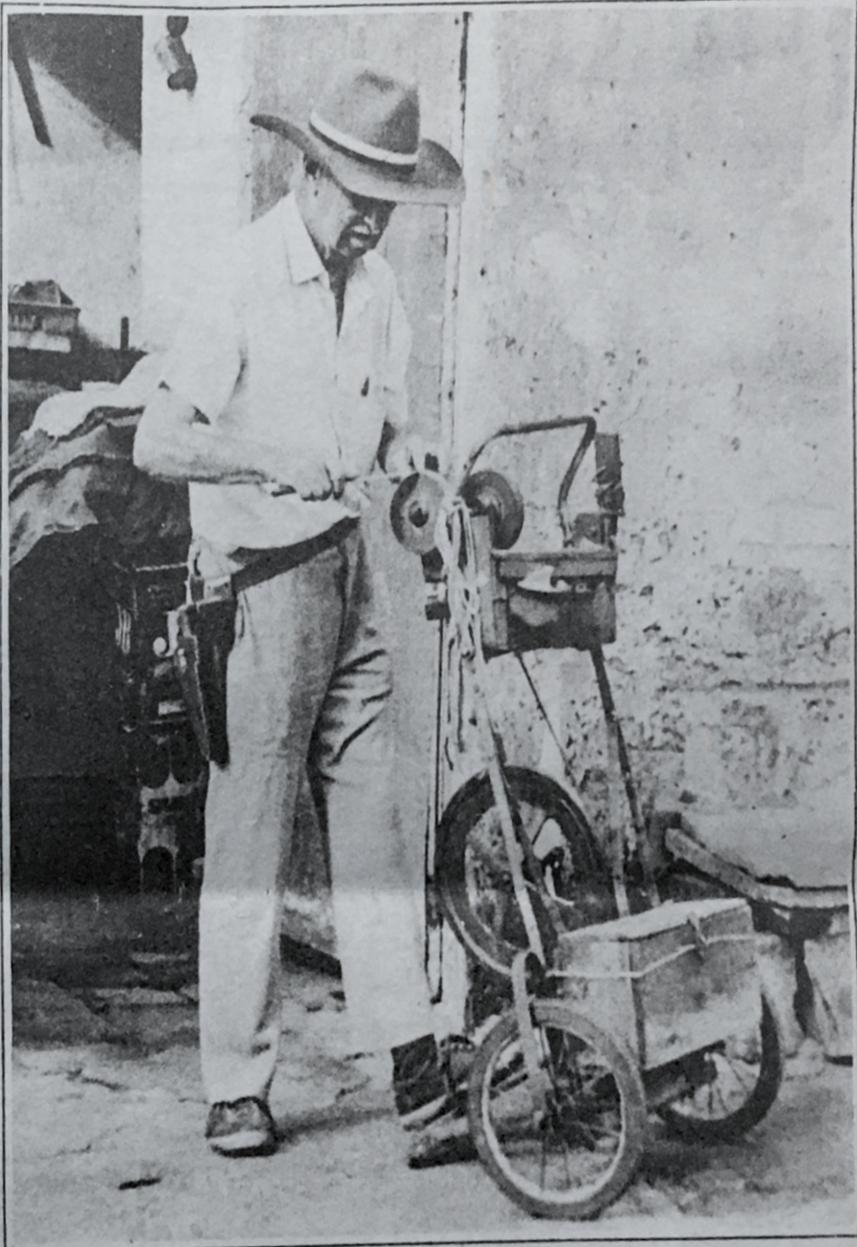
Mas a região, a nossa região de riqueza por todos os lados, prefere olhar apenas os limites do próprio umbigo. Quando muito, se espantam com a imensa pobreza em fotos dos esqualidos seres da Somália. Nossa região prefere viver na ilusão de 9 bilhões de litros de álcool, mais alguns bilhões de caixas de laranjas. Seu charme primeiro mundista. Ridículo, mas charme...

A ironia, é que os gabirus vivem à margem, literalmente, desses nove bilhões de litros de álcool. E, enquanto sentem o cheiro do garapão, são envolvidos por promessas de políticos de todas as nuances partidárias e ideológicas.

Enquanto isso, como num filme, que insiste em existir, lá estão eles, os gabirus meninos. Filhos menores das famílias que vivem no meio do lixo. Ali, cravados no centro desta ridícula califórnia.

Foto Legenda

Celito Esteves



O tempo passa e algumas coisas não mudam

Expediente

O Jornal do Ônibus é um semanário produzido pelos alunos da 8ª etapa de Jornalismo da UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto, distribuídos gratuitamente nos terminais de transporte coletivo da Praça Carlos Gomes e Antônio Aché (Mercado Central).
Direção do Centro de Comunicação e Artes: Sônia Maria Camargo dos

Santos.

Orientação: professores Adriana Canova Simionatto, Mariangela Paschoalim Amorim (Mtb 16.242), Coriolano José Neves (Mtb 17.105) e Cesar Luis Mulatti (Mtb 18.385).

Sub-editores: alunos: Kuka Ramos, Luis Soares, Marcelo Couto, Flávia Lima, Alécio Scandiuzzi e Ana Paula

Santos.

Equipe de redação: alunos, Claudia Fram, Alexandre de Faria, Celito Esteves, Silvia Mattos, Adriana Silva, Ivette Lira, Maria Aparecida da Silva, Maria Aparecida, Adilson Grespan, Ana Daniela, Adriana Ramos, Beatriz Ribeiro, José Arquias, Ricardo Lima, Maria Reis, Andreia Silva, Gulomar

Cardoso, Patricia Cainelli, Renata Barussi.

Equipe de Diagramação: alunos Kuka Ramos, Luis Soares, Mônica Grauer, Ana Daniela, Jane de Sá e Sheyla Bianca.

Fotógrafos: alunas, Claudia Rubio e Zenaide Arouca.

Tiragem: 3500 exemplares.